

A vida é curta e Gödel, Escher, Bach uma obra de amor

I

Este não é um texto sobre o livro de Hofstadter: na verdade como poderia escrever sobre um livro que nunca cheguei a compreender? Não falo sequer da compreensão total e absoluta — que não existe, porque sempre vamos mudando (como o jovem autor de GEB já não é o actual autor de idade madura que escreve o novo prefácio do 20º aniversário da obra. Se bem que ...) , e o que hoje nos significa uma coisa, amanhã já não nos significa exactamente o mesmo. Refiro-me apenas, e tão somente, àquela compreensão que nos deixa prosseguir e terminar uma leitura de alma relativamente tranquila.

Fiquei porém um pouco menos intranquila (por me ver menos só nas minhas limitações intelectuais ...) ao ler o novo prefácio: ele abre com as referências às mais variadas incompreensões de que o livro foi alvo, às mais variadas classificações que sofreu, algumas das quais muito frustraram o autor:

O que o leva a aproveitar a ocasião para esclarecer a tese central do seu livro. E diz claramente que ele “é uma tentativa muito pessoal de dizer como é que os seres animados podem emergir da matéria inerte.” (1)

Foi prosseguindo esta tentativa que H. foi fazendo interagir os mais variados tópicos — da música, da lógica, da sintaxe, do budismo, das linguagens dos computadores, da arte, etc. — e que construiu e utilizou a noção de “voltas estranhas” (*strange loops*) (2), como chama a certos padrões estranhos e entrelaçados que contêm, segundo ele, “a chave da revelação do mistério daquilo a que nós, seres conscientes, chamamos “ser” ou “consciência.” (3) Porque essas “voltas” são as que permitem “os saltos da “matéria para o padrão” consciente. (4)

Por isso, Escher, que tão obcecadamente desenhou tantas voltas estranhas, construindo um universo tão fascinante como intrigante.

Por isso, Bach, as fugas e a escrita musical contrapontística, com a sua estrutura de sucessivos patamares que nos conduzem sempre a um ponto diferente e de certo modo inesperado, pois havendo algo de circular neles nunca é ao ponto de partida que se regressa, mas sim a um ponto semelhante mas noutra plano, como numa espiral vertiginosa, um *strange loop* desenhado pela música nos espaços siderais. A música do rigor ... e da emoção.

Por isso, Gödel: mas disto não falo, que no contexto desta publicação seria estúpido atrevimento ... Todavia sempre assinalo que a questão da auto-referência em matemática me surge associada a uma das questões da semântica, vista por muitos como um *handicap*: a de que não podemos falar das palavras senão por meio das próprias palavras ... Veja-se então como Gödel transformou o que também era visto como um *handicap* numa potência revolucionária na matemática.

II

Este não é pois um texto sobre GEB; é apenas e tão só um alinhavar de palavras sobre o fascínio que este livro me provocou e continua a provocar.

Tentar perceber porquê: talvez porque, em primeiro lugar, GEB é ele próprio um *strange loop*, uma imagem de Escher feita com palavras. Quer dizer, as permanentes voltas e reviravoltas de planos; os constantes entrançados de tópicos e referências; os sucessivos encadeamentos de enunciados diferentes (reflexão, descrição, exposição, argumentação, narração, diálogos ...) e de gravuras, desenhos, fórmulas matemáticas; o jogo de personagens líradas de fontes tão diversas como Zenão e Lewis Carroll, a interacção entre tudo isto, nos levam sempre a lugares inesperados, num movimento tão vertiginoso como o criado em algumas das gravuras do artista holandês.

Suponho que o autor assim o desejou, pois faz todo o sentido que a criação e defesa da noção de “volta estranha” seja ela própria feita sob a forma de “volta estranha”, tanto mais que as questões da auto-referência são parte fundamental da tese do livro. Se dúvidas houver sobre esta intenção autoral, basta ler o último diálogo do livro, essa apoteose arrebatadora, que volta a abrir todas as pistas de novo, embora já num ponto diferente da espiral do conhecimento ...

Por outro lado, também a coragem, a ambição e a paixão do conhecimento, que emanam de todo o livro, são motivo de fascínio e marcam a natureza da obra. É que procurar a revelação do *mistério* do ser, ou consciência, não poderá certamente ser tentado através de um percurso balizado por limites estreitos, isolando partes de um todo com a respectiva perda de sentido(s) que só o todo e a inter-relação entre partes dão a cada uma dessas partes. Mas também não se chegará a lado nenhum, ignorando a independência das partes — por isso o MU do Zen, que aparece a certo ponto, nos diálogos sobre holismo e reducionismo.(5)

Não existe também, nessa procura, qualquer possibilidade de um caminho previamente traçado: o ponto de partida é certamente conhecido, mas não os lugares onde se vai chegar e muito menos o ponto de chegada. A bem dizer, também aqui “no hay camino, / se hace camino al andar”, como diz o poeta António Machado.(7)

E que caminho, o de Hofstadter! E que voltas e revoltas: estranhas voltas! Quando, a páginas tantas (6) (por sinal as mesmas em que a questão do vencedor no xadrez se põe — homem ou máquina?), se questiona no livro se um dia será possível as máquinas fazerem belas músicas, a especulação (a que o autor não se atreve a chamar resposta) é — para tranquilidade de alguns de nós — “Sim, mas não tão cedo.” A restrição vem, evidentemente, em nome da complexidade das emoções humanas ... que as máquinas não têm. Mas, evi-

Douglas R. Hofstadter

GÖDEL, ESCHER, BACH

Laços Eternos

Uma fuga metafórica sobre mentes e máquinas
no espírito de Lewis Carroll

dentemente isso não impede toda a importância e desenvolvimento dados no livro ao tópico da Inteligência Artificial.

III

Este não é pois um texto sobre GEB; antes talvez qualquer coisa a partir de GEB, seguindo a sua lição dos laços e das voltas estranhas, na minha "fuga metafórica" sob acção do fascínio do livro. Que o mesmo é dizer, deixando-me ir numa pessoal deriva, que é também procura de atribuição de significados, de estabelecimento de relações, de formulação de interrogações ...

Por exemplo: "como é que os seres animados podem emergir da matéria inerte"? Uma espécie de fábula e eis-me respondendo: "*Simples, meu caro Watson!* Pelo velho processo retórico da animização ou personificação!"

É realmente esta a resposta da velha retórica, disciplina que, pela primeira vez, no mundo ocidental, desenvolveu uma reflexão sobre a linguagem (um dos tópicos de GEB). Com o passar do tempo, foi assumindo particular relevo uma das partes da retórica, a que se dedicava ao estudo das *figuras*. Entre estas, como não lembrar a animização e a personificação, ao deparar com a questão da transformação da "matéria inerte" em "seres animados"? Quando, por exemplo, no célebre episódio de Inês de Castro, no canto III d'Os Lusíadas, os montes e vales do Mondego são nomeados como partilhando do amor de Inês por Pedro ou da dor da morte daquela (8) não é a essa transformação que assistimos?

Claro que aqui os próprios montes não passam a ter consciência: a mudança dá-se apenas ao nível da atribuição dessa consciência por uma instância exterior, pela fala de um narrador. Não se trata portanto do real fenómeno da imer-

são da matéria inerte de um ser inanimado: para isso, seria necessária uma das "voltas estranhas" de que fala Hofstadter ... Mas trata-se, sim, da criação desse fenómeno ao nível da autoria, isto é, de uma transformação operada pela linguagem, isto é, pela atribuição de significados.

E não é a atribuição de significados um dos tópicos de GEB? Pois qual outra forma de pensar o pensamento? E a consciência da consciência?

Sim, aqui, agora, devia entrar Fernando Pessoa ...

Mas não entra, que é tarde, e nada termina nestes *Laços Eternos* — ou, por causa das questões da tradução — neste *Eternal Golden Braid* ...

Notas

- (1) Página xxii da edição portuguesa.
- (2) Página xxii da edição portuguesa.
- (3) Página xxiii da edição portuguesa.
- (4) Página xxiii da edição portuguesa.
- (5) Páginas 291 e seguintes; p. 329 e seguintes da edição portuguesa.
- (6) Páginas 714–718 da edição portuguesa.
- (7) António Machado, *Campos de Castilla*, Cátedra, 1999, Madrid. p. 222.
- (8) Luís de Camões, *Os Lusíadas*, canto III, estâncias 12.0 e 133.

Margarida Font Amado

Esc. Sec. Eng. A. Calazans Duarte
Professora de Português/Francês

Gödel Escher e Bach

Editora: Gradiva, 2000, 809 pp.
ISBN 972-662-709-5

PRÉMIO PULITZER
Edição do 20.º aniversário, com novo prefácio do autor

Março | Abril | 2006

9